



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 11/07/2025 e 17/07/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
11/07/2025	10,04	267,60	54,41	5,40	4,03
14/07/2025	9,97	265,20	54,41	5,34	4,12
15/07/2025	9,95	265,30	54,56	5,38	4,01
16/07/2025	10,13	268,40	54,82	5,41	4,05
17/07/2025	10,21	268,70	56,22	5,33	4,02
Média	10,06	267,07	54,88	5,37	4,05

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	121,00	
RS – Não Me Toque	121,00	
PR – Pato Branco	119,00	
PR – M.C.Rondon	SC	
MT – C.N.Parecis	107,00	
MS – Maracaju	S/C	
GO - Rio Verde	114,00	
BA – L.E.Magalhães	118,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	66,00	CIF
Porto de Paranaguá	64,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	62,00	
PR – M.C.Rondon	SC	
PR – Pato Branco	55,00	
MT – C.N.Parecis	42,00	
MS – Maracaju	SC	
SP – Itapetininga	59,00	
SP – Campinas	63,00	CIF
GO – Rio Verde	50,00	
GO – Jataí	50,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Pato Branco	78,00	
PR – M.C.Rondon	SC	

Período: 16/07/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 17/07/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	61,84	122,05	70,15

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
17/07/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	65,63
Feijão (saco 60 Kg)	208,57
Sorgo (saco 60 Kg)	60,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,32
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,58**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,86

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Maio/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja voltaram a bater em níveis abaixo de US\$ 10,00/bushel durante esta semana, porém, não se sustentaram e subiram no final da mesma, puxadas pela possibilidade de a China voltar a comprar a oleaginosa dos EUA. Assim, o fechamento desta quinta-feira (17) ficou em US\$ 10,21/bushel, contra US\$ 10,12 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, para o ano 2025/26, anunciado no dia 11, foi baixista, mesmo indicando uma futura safra estadunidense em 117,8 milhões de toneladas, após 118,8 milhões no ano anterior. Considerando o recuo de 4% na área semeada, o volume a ser produzido é bastante positivo, pressionando para baixo as cotações. Além disso, os estoques finais nos EUA, para este novo ano, foram aumentados para 8,4 milhões de toneladas, ganhando 400.000 toneladas sobre o indicado em junho. A produção e os estoques mundiais foram aumentados em cerca de um milhão de toneladas, respectivamente para 427,7 e 126,1 milhões de toneladas. Além disso, o mesmo manteve a futura produção de soja no Brasil em 175 milhões de toneladas e na Argentina em 48,5 milhões. As importações da China também foram mantidas em 112 milhões. Já o preço médio, a ser pago aos produtores estadunidenses da oleaginosa, foi reduzido para US\$ 10,10/bushel em 2025/26.

Na semana encerrada em 10 de julho, os embarques de soja dos EUA foram de 147.045 toneladas, enquanto o mercado esperava algo entre 200.000 e 500.000 toneladas. Com este volume, o total embarcado na safra 2024/25 chega a 46,4 milhões de toneladas, 10% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, segundo a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA, o esmagamento de soja naquele país, em junho, ficou em 5,05 milhões de toneladas, se estabelecendo um pouco acima das expectativas do mercado. O volume foi recorde para o mês de junho e é 6% maior do que o registrado em junho de 2024. Além disso, anunciou-se que os estoques de óleo de soja, nos EUA, estão nos mais baixos níveis desde 2004.

Ainda no mercado externo, além do retorno dos tarifas de Donald Trump sobre diversos países, chamou a atenção a aplicação de 50% de tarifas unilaterais sobre a importação dos produtos brasileiros. O agronegócio nacional será muito atingido, incluindo o óleo de soja em particular. Esse anúncio levou a uma desvalorização do Real ao redor de 2% na semana, ajudando a melhorar um pouco os preços internos da soja. Ao mesmo tempo, os prêmios se mostram mais firmes no momento. Dito isso, circula a notícia de que a China deverá voltar a comprar soja nos EUA, pois não há alternativa diante de sua demanda, apesar das tarifas aplicadas pelos EUA. Segundo o mercado, o dilema chinês seria “quanto de soja a China quer comprar dos EUA versus quanta soja a China precisa comprar dos EUA”. No primeiro semestre de 2025, as compras chinesas de soja somaram 49,4 milhões de toneladas, 1,8% a mais do que no mesmo período do ano passado. Somente no mês passado, foram 12,3 milhões de toneladas, sendo a maior parte do Brasil, sendo que em junho a Argentina também apareceu como exportadora do grão aos chineses (Cf. Administração Geral das Alfândegas da China).

Do começo de junho ao início de julho, a China comprou 183 navios de soja, sendo 109 do Brasil e 74 da Argentina, e nada dos Estados Unidos. Há um ano, neste mesmo período, as compras chinesas somaram 198 navios, sendo apenas 16 da Argentina (cf. Agrinvest Commodities). "O Brasil ainda não consegue suprir integralmente a necessidade chinesa de soja. Há um déficit de 25 a 30 milhões de toneladas que a China precisaria comprar em outras nações. Ocorre que, atualmente, Argentina e Paraguai, apesar dos recentes movimentos, ainda não possuem expressão suficiente nas exportações da matéria-prima in natura. Pelo contrário, a Argentina foi a terceira maior importadora de soja do planeta em 2024, com foco no esmagamento" (cf. Pátria Agronegócios). Daí a necessidade de comprar dos EUA, apesar do contencioso tarifário entre os dois países. "Neste ano a China ainda depende da soja dos EUA entre 15 a 20 milhões de toneladas. Não tem como ela sobreviver, exclusivamente, da importação da soja brasileira. Grosso modo, algumas estimativas têm apontado que o Brasil deve exportar 108 milhões de toneladas de soja e a China deve importar 112 milhões. E do que o Brasil exporta, destes 108 milhões, 75% têm como destino o país asiático. Portanto, o Brasil não teria como atender 100% da demanda chinesa. Ela vai ter que acabar comprando soja dos Estados Unidos".

E no Brasil, puxados também pelo câmbio e os prêmios, os preços melhoraram um pouco. A média gaúcha subiu para R\$ 122,05/saco, enquanto as principais praças atingiram a R\$ 121,00. Nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 107,00 e R\$ 119,00/saco.

Já a área a ser semeada com soja no Brasil, em 2025/26, está estimada em 48,2 milhões de hectares, com um crescimento de apenas 1,2%. Se o clima ajudar e a produtividade média atingir a 3.749 quilos/hectare (62,5 sacos/ha), o Brasil poderá colher praticamente 180 milhões de toneladas no próximo ano (179,9 milhões), segundo Safras & Mercado. A dúvida é quanto a reação dos produtores diante de custos de produção mais elevados, incluindo juros altos e a falta de crédito.

Enfim, reforçar que as importações chinesas de soja atingiram um recorde em junho, chegando a 12,3 milhões de toneladas (um aumento de 10,4% sobre um ano antes). Deste total, 9,73 milhões vieram do Brasil (79,1%), enquanto os EUA embarcaram apenas 724.000 toneladas (5,9%), sendo que o restante veio da Argentina e outros países. No primeiro semestre do ano, a China importou um total de 49,4 milhões de toneladas de soja, um aumento de 1,8% em relação ao ano anterior, segundo dados da Administração Geral de Alfândega do país asiático. Espera-se, para julho, importações de 10,5 milhões de toneladas, contra 9,8 milhões realizadas em julho do ano passado.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, ensaiaram um aumento nesta semana, porém, o mesmo não se sustentou e o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (17) em apenas US\$ 4,02/bushel, contra US\$ 4,07 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 11, embora com elementos altistas para o milho safra 2025/26, acabou não fazendo efeito sobre as cotações em Chicago, por enquanto. De fato, a produção dos EUA foi reduzida para 398,9 milhões de toneladas e os estoques finais, em 2025/26, caíram para 42,2

milhões. Nos dois casos uma redução de cerca de dois milhões de toneladas sobre o indicado em junho. Igualmente a produção mundial foi reduzida, ficando agora em 1,264 bilhão de toneladas, com recuo de 2 milhões sobre junho, enquanto os estoques finais mundiais vieram para 272,1 milhões, com perda de 3 milhões de toneladas sobre junho. A produção brasileira continuou estimada em 131 milhões de toneladas e a da Argentina em 53 milhões. O preço médio aos produtores estadunidenses do cereal foi mantido em US\$ 4,20/bushel para 2025/26.

Dito isso, os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 10/07, somaram 1,29 milhão de toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial os EUA já embarcaram 57,8 milhões de toneladas, ou seja, 30% acima do realizado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços do cereal se apresentavam estáveis, com viés de novas baixas em algumas regiões. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 61,84/saco, enquanto as principais praças locais se mantiveram em R\$ 60,00. Nas demais regiões brasileiras os valores oscilaram entre R\$ 42,00 e R\$ 62,00/saco.

Enquanto isso, a colheita da safrinha, no Mato Grosso, chegava a 40,2% da área no final da semana anterior, contra 76,3% na mesma época do ano passado e 59,4% na média histórica. Portanto, uma colheita ainda bastante atrasada. A estimativa é de uma safra recorde, ao redor de 54 milhões de toneladas naquele Estado, uma alta de 14,5% sobre o resultado da safra anterior (cf. Imea).

Por sua vez, o Centro-Sul brasileiro atingia a 40% da área de safrinha colhida até o dia 10/07, contra 74% realizados na mesma época do ano anterior (cf. AgRural). Já no conjunto do país, segundo a Conab, a colheita chegava a 41,7% da área no dia 12/07, contra 74,2% no ano anterior e 51,1% na média histórica.

E especificamente no Paraná, segundo o Deral, a safrinha de milho estava colhida em 40% da área, havendo perdas de qualidade em algumas áreas já que 16% das lavouras a colher se apresentavam, nesta semana, em condições ruins.

Enfim, as exportações brasileiras de milho, em julho, continuam em ritmo baixo. Nos primeiros nove dias úteis do mês, o país exportou 338.426 toneladas, contra um total de 3,55 milhões de toneladas em todo o mês de julho do ano passado. Assim, a média diária deste mês de julho é 75,7% mais baixa do que a de julho de 2024 (cf. Secex). Dito isso, começa a aparecer sinais de recuperação nas vendas externas do cereal. Afinal, é no segundo semestre que o Brasil aumenta significativamente suas exportações de milho. Os indicativos de navios contratados para julho, neste momento, estariam ultrapassando as 4 milhões de toneladas. Resta esperar que isso venha a se confirmar na prática. Importante se faz destacar que existem mudanças na logística de transporte. Agora, em vez de Santos e Paranaguá, que tradicionalmente concentram os embarques, os portos de Itaqui e Santarém, no Norte do país, vêm ganhando protagonismo nesta safra. Além disso, o Irã tem sido o principal destino do milho brasileiro no primeiro semestre, mas enfrenta desafios logísticos e diplomáticos que geram incertezas para o restante do ano. Já o Japão, que em 2019 foi o maior comprador do Brasil, pode voltar a ampliar suas compras caso reduza sua dependência do milho estadunidense (cf. Royal Rural).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (17) em US\$ 5,33/bushel, contra US\$ 5,50 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA não trouxe novidades para o trigo, em relação ao que já havia sido estimado em junho. O mesmo manteve a produção estadunidense, para 2025/26, em 52,5 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais nos EUA ficariam em 24,2 milhões. A produção mundial permanece estimada em 808,6 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais globais ficam estimados em 261,5 milhões, perdendo 1,2 milhão de toneladas em relação ao indicado em junho. A produção da Argentina seria de 20 milhões de toneladas e suas exportações de 13 milhões. A produção brasileira seria de 8 milhões de toneladas. Neste contexto, o preço médio, ao produtor estadunidense de trigo, ficou mantido, para 2025/26, em US\$ 5,40/bushel.

Ainda nos EUA, as exportações de trigo, na semana encerrada em 10/07, chegaram a 439.533 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. No atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, o total exportado pelo país norte-americano chega a 2,3 milhões de toneladas, com 3% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior.

Já na Rússia, a colheita do cereal está fortemente atrasada. Até o dia 11/07 a mesma atingia a 11 milhões de toneladas, contra 24,8 milhões em igual momento do ano anterior. Os rendimentos estão bem mais baixos do que o previsto, alarmando o governo e o mercado local. Até o dia 11/07 apenas 3,2 milhões de hectares haviam sido colhidos na Rússia, contra 6,2 milhões um ano antes e 4,1 milhões na média histórica (cf. SovEcon). Lembrando que o USDA prevê uma colheita final russa em 83,5 milhões de toneladas de trigo.

E aqui no Brasil o preço do cereal continua estagnado em R\$ 70,00/saco no Rio Grande do Sul e R\$ 78,00 no Paraná, considerando as principais praças.

O último relatório da Conab acabou seguindo as projeções do setor privado nacional e apontou um colheita brasileira de trigo, para o final do corrente ano, em 7,81 milhões de toneladas. Isso se deve ao recuo de 16,5% na área semeada e nas perdas climáticas ocorridas no Paraná. Isso deverá elevar as importações do cereal em 2025/26. Mesmo assim, os preços do trigo no Brasil, por enquanto, não reagem.

Nesta semana, o Rio Grande do Sul operou com a tonelada, no FOB, valendo R\$ 1.330,00, com muitas exigências em torno da qualidade do produto. Estima-se que haveria ainda 360.000 toneladas disponíveis para comercialização no estado gaúcho. Para exportação em dezembro, os preços permanecem nos R\$ 1.270,00/tonelada, mas os moinhos continuam fora das negociações. Já em Santa Catarina, o mercado segue estável e com poucos negócios. “O preço FOB para o trigo pão girou em torno de R\$ 1.400,00/tonelada, enquanto a concorrência com o trigo gaúcho, mais barato (entre R\$ 1.330,00 a R\$ 1.360,00/tonelada), impede avanços. A nova safra ainda não tem indicações claras, mas já se observa uma queda de 20% na venda de sementes, reflexo da baixa atratividade”. E no Paraná, o mercado continua lento, mesmo com a

alta do dólar nestes últimos dias pressionando os preços do importado. O trigo argentino chega aos moinhos por valores similares ao produto local, enquanto o trigo paraguaio custa até R\$ 1.507,00/tonelada em Curitiba. Para a nova safra, os preços estão 18,4% acima dos de 2024, ficando entre R\$ 1.400,00 e R\$ 1.450,00/tonelada CIF, sem grandes volumes negociados (cf. TF Econômica).